POBRE DA ÉGUA BRANCA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era um rapaz que gostava muito de uma rapariga. Ela não tanto.

Chamava-se ele Joaquim. Chamava-se ela Joaquina. Com estes nomes via-se que estavam mesmo feitos um para o outro. Mas nem sempre as coisas são como a gente julga.

– Queres casar comigo, Joaquina?

– Ainda sou muito nova, Joaquim. Lá mais para depois, se verá...

O rapaz impacientou-se. Impacientou-se e foi consultar uma bruxa, que lhe fez um bolo de pão e ervas, muito bem amassado. Enquanto preparava o bolo a bruxa dizia:

– Chapa daqui, chapa dali, quem te comer morrerá por mim.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Era para ele dar a comer à namorada.

O rapaz deixou o bolo a arrefecer no parapeito da janela da Joaquina, a contar que ela lhe pegasse. Logo por azar, quem abocanhou o bolo mágico foi uma égua branca de muita estimação da rapariga. Montada nela, é que Joaquina ia sempre à missa.

No domingo, pespegou-se o Joaquim, no meio do adro da igreja, à espera do efeito do feitiço. Assim que o viu, a égua, que trazia a Joaquina em cima, pôs-se aos pulos e aos coices, numa grande alegria. Que paixão mais disparatada!

– A égua tomou o freio nos dentes – gritaram.

O Joaquim acudiu à Joaquina, mesmo no instante em que ela ia a cair da montada. Ficou o rapaz com a rapariga nos braços.

A égua, que continuava desaustinada, teve que ser abatida, com grande pena da dona que tremia e chorava no colo do seu salvador.

– Queres casar comigo, Joaquina? – perguntou ele.

– Quero, sim, Joaquim – respondeu ela, num primeiro sorriso, depois das lágrimas.

Casaram e foram muito felizes.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros